

*Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca**

Valeria Ribeiro Corossacz**

Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca se insere no debate que a difusão da AIDS despertou, a partir da década de 90, nas universidades e nas instituições de pesquisa no intuito de elaborar políticas que ajudem a prevenção desta doença. Talvez a maior aquisição desse debate tenha sido o fato de levar os pesquisadores de várias disciplinas (ciências sociais e bio-médicas) a tratar a sexualidade e as atividades sexuais como um campo da ação humana determinado por fatores históricos, sociais, culturais e econômicos.

Adaptação da tese de doutorado realizada na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) da Fiocruz, o livro aborda a questão das políticas de prevenção da HIV/AIDS e seus limites, tendo como universo de pesquisa um grupo de jovens moradores da favela Parque Proletário de Vigário Geral, situada ao norte do município do Rio de Janeiro. A metodologia adotada é fortemente influenciada por uma abordagem antropológica, baseada em entrevistas aprofundadas do tipo história de vida, observação de interações dentro da comunidade estudada e reuniões de grupo. Um ponto fundamental no processo de aproximação ao universo de pesquisa – considerando-se também as características de violência decorrentes da presença do tráfico ilegal de drogas e da polícia – foi o contato com uma organização comunitária que atua na comunidade.

* MONTEIRO, Simone. *Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. Recebida para publicação em dezembro de 2003, aceita em março de 2004.

** Universidade de Modena, Itália. valeria@nexus.it

Qual prevenção?

Foram entrevistados 32 jovens, 18 moças e 14 rapazes, com os quais a autora discutiu várias questões que lhe permitiram retratar os valores e as representações que norteiam as práticas sexuais: família, instrução, iniciação e atividade sexual, religião, percepção da saúde e da doença, relação com o tráfico ilegal de drogas e com a polícia. O resultado é uma análise integrada e rica das múltiplas dimensões que compõem o tecido social da favela (as condições materiais de existência) e a percepção (dispositivos de representação) da saúde e da lógica da proteção, não só em relação à AIDS.

Uma revisão do debate nas teorias psicológicas e sociais que influenciaram as políticas de prevenção na década de 80 (Introdução), e na área da sociologia de algumas teorias que introduziram elementos para a “compreensão dos mecanismos de poder e de reprodução das práticas” (entre elas, destaca-se a do *habitus* elaborada por Pierre Bourdieu, capítulo 2), fornece o quadro teórico em que se situa o objeto da pesquisa. A constatação que

o comportamento de risco não decorre necessariamente da falta de informação sobre os meios de prevenção, mas de visões de mundo resultantes das experiências sociais nas quais o risco é minimizado ou super-reconhecido (p.45)

constitui o ponto de partida para individualizar os elementos que mais influenciam a lógica do (não) uso da camisinha, considerado que essa constitui o único método para prevenir a difusão via sexual da AIDS. A autora analisa as trajetórias femininas e masculinas separadamente, identificando na assimetria de gênero um papel central na construção das experiências sexuais e do percurso de vida que envolve reprodução, instrução e trabalho. Emerge, assim, que a mulher é associada à esfera doméstica, ao trabalho não-remunerado dentro do lar e ao estímo afetivo e moral, enquanto o homem ocupa o espaço público, da rua e do trabalho remunerado, sendo percebido como provedor e protetor

da mulher (cap. 4). No que concerne à atividade sexual, a assimetria entre os gêneros se manifesta na valorização da virgindade para as mulheres e da experiência sexual para os homens.

Retomando o trabalho do antropólogo Roberto DaMatta, a autora reconhece na oposição entre o espaço da casa/família e o espaço da rua/mundo afora o núcleo estruturante da lógica de proteção, ou seja, de escolha de quando usar a camisinha no intuito de se proteger da AIDS. O que é percebido como familiar, dentro da esfera das relações pessoais no sentido de “conhecido”, é associado a uma dimensão de maior segurança e, dessa forma não é necessária alguma forma de proteção. Ao contrário, o que é associado à rua, ao mundo desconhecido, é visto pelos atores como um perigo e uma ameaça: neste caso, o uso da camisinha é uma escolha efetiva. Assim, apesar dos entrevistados reconhecerem que a camisinha é o principal meio de prevenção da AIDS, e de saberem onde conseguí-la gratuitamente, só quando a relação sexual é com um “homem desconhecido” ou com uma “mulher da rua” (profissional do sexo ou “vadia”), o uso da camisinha se torna possível (cap. 5). É importante ressaltar, todavia, que o sexo (que os entrevistados associam à penetração) é sempre percebido como algo que implica um certo risco. Um estudo comparativo com jovens de classe média permitiria entender se essa lógica da proteção no uso da camisinha é específica das classes populares, objeto deste estudo, ou também estruturante das práticas sexuais da classe média.

Seria também interessante entender se a variável sociológica cor/raça, ao lado de gênero e classe social, influencia ou não a vivência dos entrevistados na área dos comportamentos sexuais, considerando que a população das favelas se caracteriza por ter um contingente muito amplo de negros e por representar um dos raros momentos de convivência entre negros e brancos nas cidades brasileiras.

O livro apresenta com muita clareza os próprios objetivos e contribuições, tornando o percurso de leitura fácil e acessível a um

Qual prevenção?

público muito amplo – pesquisadores acadêmicos de várias áreas, saúde pública e ciências sociais, e pessoas envolvidas em projetos comunitários ou institucionais na área da sexualidade e prevenção da AIDS. Destaca-se que as observações feitas pela autora sobre o uso da camisinha como método de prevenção da AIDS são válidas também para o uso de outros métodos anticoncepcionais. Sem entendermos os valores e os mecanismos que regem as relações sexuais, fornecer e explicar como usar determinados métodos não será suficiente para que estes venham a ser operantes. A assimetria de poder dentro das relações sexuais determina por que, como e quando um certo método (camisinha masculina ou feminina, pílula) será usado para se proteger de DST, AIDS e para decidir quando, e se, ter filhos. O texto enfim leva a entender a importância de intervir no nível coletivo, no duplo sentido de condições de acesso à instrução, trabalho corretamente remunerado, lazer, saúde e no sentido de trabalhar com a coletividade, a pluralidade dos atores, para poder atuar com algum sucesso num programa de controle e prevenção da AIDS.